



INDÍGENAS NAS PÁGINAS D'O DIÁRIO DA TARDE DURANTE O CONTESTADO (1912-1916)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3706

Rafael Pereira Simonetti, UNESP

Resumo

Os conflitos decorrentes do Movimento do Contestado refletem a pluralidade de identidades entre os revoltosos. Eles foram generalizados na figura do caboclo, o sertanejo sulista com características herdadas da mistura étnica e racial da região, entre indígenas, africanos e europeus. No entanto, a região do Contestado também abrangia territórios de ocupação tradicional indígenas, mesmo que estas populações não estejam associadas diretamente ao Movimento. Além disso, as batalhas coincidiram com os primeiros anos de atuação do Serviço de Proteção ao Índio e de Localização do Trabalhador Nacional (SPILT/N), levantando discussões sobre proteção de terras em um contexto de guerras e de influências teóricas do evolucionismo cultural. Considerando estas questões, o objetivo desta análise se pautou na investigação do jornal curitibano *O Diário da Tarde* sobre as representações indígenas durante as batalhas do Contestado (1912-1916), atentando-se aos seus posicionamentos diante dos choques culturais no campo, como os conflitos entre índios e não-índios, as caracterizações dos povos autóctones e a atuação do SPILT/N. A coleta de reportagens foi realizada na Biblioteca Pública do Paraná (Curitiba-PR), baseando-se em referências ao Contestado e a indígenas em seus títulos. Os resultados mostraram que havia comparações feitas pelo periódico entre os *caboclos* e os indígenas em termos de evolução cultural e do tratamento e gastos do governo para com a repressão e a proteção destas populações. Revelou-se as implicações do pensamento social da época em um jornal de grande circulação no Paraná.

Palavras Chave:

Contestado; Indígenas;
O Diário da Tarde.

Introdução

O Movimento do Contestado (1912-1916) se consagrou enquanto um movimento de resistência da população do campo do Paraná e de Santa Catarina no início do século XX, tendo autores clássicos que fizeram trabalhos sociológicos sobre ele, como Monteiro (2011), Pereira de Queiroz (1965), Vinhas de Queiroz (1966), entre outros, com diferentes abordagens. Mas ao atribuímos a palavra *resistência* ao Movimento, podemos nos contrapor às comuns relações que se faziam entre os sertanejos revoltosos e o seu *fanatismo*. Este termo era usado para caracterizá-los e associá-los à influência de José Maria, o monge do Contestado¹. O que estava ocorrendo, na realidade, era uma revanche às invasões de empresas multinacionais no campo a fim de atenderem a demandas do governo recém-republicano de levar a modernização tecnológica e econômica para o interior dos estados. Este progresso foi marcado pela construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, com recebimento de capital estrangeiro da firma *Brazil Railway Company*, a qual também fez a maior serraria da América do Sul, em Três Barras (SC) (SERPA, 1999).

Além dos conflitos entre os sertanejos e as tropas oficiais, também havia a questão da disputa por territórios entre o Paraná e Santa Catarina², já que na época as fronteiras não eram consensuais entre os dois estados e acabava havendo abusos como a cobrança de impostos pelas duas partes em um mesmo local (MACHADO, 2004).

Voltando-se para os protagonistas das revoltas, os sertanejos eram denominados de *caboclos*. O termo era utilizado em referência à miscigenação racial entre negros, índios e brancos, caracterizando o que o SPILTN chamava de *trabalhador nacional* (CARVALHO, 2011). Uma das perspectivas sobre o Contestado é a de que os caboclos foram usados como massa de manobra pela disputa entre o Paraná e Santa Catarina, influenciados pelo fanatismo (MOURA, 2003). Porém, esta simples associação não considera a complexidade do Movimento e reproduz a visão pejorativa sobre o sertanejo.

Para além destas questões, indaga-se a respeito da localização do indígena no território contestado. Sabe-se que o território abrangeu terras de ocupação tradicional indígena, tendo duas reservas ainda vivas na atualidade: Mangueirinha, no Paraná, e Xapecó, em Santa Catarina. A primeira, localizada próxima a Xanxerê, é palco de conflitos entre Kaingang e o Estado na atualidade. Não diferente, em Xapecó há caso de exploração das terras dos Kaingang pela própria Funai (THOMÉ, 1981). Além destas constatações sobre a existência de terras ocupadas pelos povos autóctones na região, a presença da crença em São João Maria também persiste entre eles, como apontaram Wiik (2012), Buba e Notzold (2016). Diante destes fatos, questiona-se a respeito da presença indígena no Contestado.

Em busca de respostas, foi feita uma pesquisa na imprensa sobre as construções de representações de indígenas e de caboclos durante as batalhas do Contestado. Abordar e ao

¹ São João Maria indicava o que os moradores da região Sul imaginavam sobre, pelo menos, três monges os quais passaram pelo local, fomentando a crença de que eram uma única pessoa, apesar de terem aparecido em épocas diferentes. Foram eles: João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria. A relação direta com o Contestado, no entanto, foi direcionada ao José Maria (SERPA, 1999).

² O presidente da República na época, Wenceslau Braz Pereira, pressionou que os governadores do Paraná e de Santa Catarina fizessem finalmente um acordo sobre o estabelecimento das fronteiras, conseguindo realizar uma aprovação no dia 10 de abril de 1916 (VOLTOLINI, 2009) – ano de encerramento do Contestado.

mesmo tempo fugir de matérias específicas sobre os conflitos da revolta sertaneja foi necessário ao lidar com esta clássica dissociação dos indígenas com o Movimento, mas que também foram prejudicados com a invasão de suas terras naquele momento.

A escolha³ em utilizar um jornal – *O Diário da Tarde* – para tratar sobre o assunto se baseia no fato de que a imprensa representava a elite em um período em que a população letrada era muito restrita; portanto, os periódicos se direcionavam justamente às classes mais abastadas. Por conseguinte, as narrativas dos jornais construíram uma história sobre as batalhas, mostrando pontos de vista tanto do próprio periódico quanto de entrevistados. Sobre os indígenas, a justificativa desta análise está em investigar as questões envolvendo estas populações influenciadas por perspectivas evolucionistas (SCHWARCZ, 1993) presentes neste objeto de estudo dotado de ideologia e representante das classes dominantes.

O *Diário da Tarde*, portanto, foi escolhido por conta de sua grande circulação no Paraná, inclusive aparecendo esta informação nas suas próprias edições, afirmando que era o que mais circulava no Estado. É pertinente informar que seu dono durante os tempos do Contestado foi Jayme Ballão⁴, que já esteve envolvido com a política paranaense. Os resultados obtidos com a análise do periódico se expressaram através de mudanças de posicionamentos diante dos avanços dos embates entre os revoltosos e os sertanejos. Sendo assim, mesmo pertencendo a um representante político, o jornal se apresentou como um objeto de análise pertinente enquanto voz da elite junto ao sentimento de compaixão diante do caboclo paranaense e fazendo

comparações com tratamentos do governo dados aos indígenas.

Objetivos e metodologia

O objeto de pesquisa foi o jornal *O Diário da Tarde*, investigado entre os anos de 1912 e 1916, condizentes com o período das batalhas do Contestado. Para esta análise, o objetivo principal foi localizar os indígenas caracterizados enquanto tradicionais pelo jornal e que habitavam a região do Contestado. Para além da região, também foram observadas matérias que tratavam sobre índios de outros lugares a fim de analisar o pensamento social da época sobre questões indígenas.

Fomentando tais objetivos, foi necessário construir a análise conjuntamente com o pensamento científico e posicionamentos políticos da época, presentes através de discursos do jornal. Esta necessidade condiz com a *análise de discurso*, proposta por Orlandi (1996), em analisar as narrativas e ao mesmo tempo enxergar as influências do pensamento social e científico nelas, considerando que o discurso do jornal não está dissociado da História, pois ele narrou seu próprio lado da história que foi incorporado por aquela.

O SPILTIN foi analisado em discussão com a atuação realizada pela própria Igreja Católica em catequisar os índios, mostrando dois direcionamentos diferentes sob a luz do desejo de civilizar os povos autóctones. A ciência durante o surgimento da República também foi mostrada a partir das influências europeias e norte-americanas, como o evolucionismo cultural e o positivismo. Schwarcz (1993) mostra que estas teorias adentraram ao Brasil em contraponto justamente ao domínio do catolicismo na

³ A principal referência deste trabalho foi a dissertação de mestrado intitulada de “De Selvagens bugres a caboclos fanáticos: as representações no Diário da Tarde durante o Contestado (1912-1916) (SIMONETTI, 2017).

⁴ Disponível em: <http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-8/>. Acesso em: 29 de abril de 2016.

política e ao regime monárquico. O que resultou, no entanto, foi uma ciência brasileira própria, que levou consigo as influências externas, mas que obteve resultados através de suas observações, de seu empirismo:

No caso brasileiro, a “sciencia” que chega ao país em finais do século XIX não é tanto uma ciência de tipo experimental, ou a sociologia de Durkheim ou de Weber. O que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação. (SCHWARCZ, 1993, p. 41).

As decisões políticas consequentes destas novas visões teve o próprio surgimento do SPILTIN como exemplo.

Ao longo da leitura das notícias, como já foi dito, achamos comparações entre índios e sertanejos (caboclos) sob os efeitos das revoltas sertanejas e dos trabalhos do SPILTIN. Com isso, surgiu o objetivo de investigar os significados das caracterizações também de *caboclo*, que serão abordados a seguir.

Resultados

O SPILTIN foi criado em 1910, pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, tendo como objetivos a separação do povo do campo entre indígenas tradicionais e trabalhadores nacionais. Localizar o sertanejo tinha o propósito de aperfeiçoar suas técnicas laborais, tendo como modelo o *imigrante*, considerado mais evoluído para o trabalho no campo. Carvalho (2011) identifica esta maneira de inferiorizar o caboclo pelo

órgão em questão a partir de sua definição de que o caboclo era o resultado da mistura do *escravidão africana* e da *espoliação indígena*, deixando a imagem de que seria necessário o aperfeiçoamento de suas relações de trabalho nos moldes europeus para que estas marcas do passado fossem superadas.

A respeito dos indígenas considerados tradicionais, o trabalho do órgão em protegê-los se fazia de acordo com o respeito às suas tradições, não compactuando com a missão realizada por jesuítas, ou seja, de acelerar o processo civilizatório aos povos autóctones. Contudo, havia argumentos de que a evolução para a civilização acabaria acontecendo como um processo natural⁵, como será visto em reportagens analisadas mais adiante.

O Contestado foi narrado pela imprensa de acordo com sua ideologia marcada por elogios ao republicanismo em contraponto ao então falecimento da monarquia. No entanto, seus discursos sofreram mudanças ao longo dos anos das batalhas. Enquanto que no início das batalhas os elogios à repressão dos revoltosos foram constantes, o avanço dos combates e os consequentes massacres fizeram com que o jornal mudasse o tom pejorativo voltado aos sertanejos e passasse a culpar o próprio governo pelas ações repressivas consideradas exageradas contra eles.

Para fomentar seus argumentos, o jornal e seus entrevistados usaram as ações do SPILTIN com os índios em comparação com a falta de assistência do governo dada à população do campo, inclusive antes da eclosão do Movimento. Como exemplo, no ano de 1914,

⁵ Os pensadores evolucionistas culturais clássicos que influenciaram os primeiros estudos de Antropologia no Brasil, foram Lewis Morgan, Edward Tylor e James Frazer. Castro (2009) mostra que havia uma separação sobre o significado de evolução das espécies de Charles Darwin e de evolução relacionada diretamente à cultura. Os pensadores em questão se

influenciaram mais por Herbert Spencer para a construção de suas teorias. Enquanto Darwin usava a *seleção natural* enquanto justificativa mais consistente pelas quais as espécies passavam de maneiras próprias, Spencer defendia a ideia de que existia uma evolução unilinear entre elas (CASTRO, 2009).

momento de grandes conflitos, apareceu sua opinião de que o governo estaria gastando muito dinheiro com a proteção dos indígenas e também investindo no massacre de “miseros sertanejos obcecados” (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de fevereiro de 1914).

A respeito propriamente das ações do SPILTN, há muitas matérias com entrevistas de inspetores do órgão a fim de esclarecer seus objetivos e mostrar o que já estava sendo feito. Conforme o tempo foi passando, elogios e críticas eram feitas pelo jornal, dependendo dos acontecimentos. Uma preocupação do jornal se baseava no modo como a Igreja estava catequizando os índios com a intenção de *amansá-los*. Mesmo que este fosse também um desejo do periódico, ele citou um caso de Palmas em que os catequistas estariam dando *presentinhos* aos índios, mas que não estaria surtindo efeito, pois os *silvícolas* continuaram atacando fazendas (O DIÁRIO DA TARDE, 27 de março de 1914).

O inspetor do SPILTN, Manoel da Costa Miranda, foi entrevistado sobre sua atuação no interior do Paraná. Ao ser questionado sobre a eficácia de seu trabalho, afirmou que “(...) com carinho, o índio cede, pois ele só ataca em represália” (O DIÁRIO DA TARDE, 10 de julho de 1913). Também mostrou a diferença de sua atuação em comparação à Igreja, alegando que ela obrigava os índios a obedecerem o credo delas, além de não concordar com sua entrega de bugigangas a eles com fins de pacificação, pois fazia parte do *espírito* indígena ser prático, e os tais *presentinhos* não condiziam com isso. Forçar um caminho à civilização não era seu ideal, porque os indígenas iam “(...) assimilando nossos hábitos naturalmente, isto é, de acordo com a evolução humana” (ibidem).

Outro exemplo de elogio ao órgão foi feito em outubro de 1914, e a visão evolucionista condizente com os intelectuais daquele tempo esteve presente:

(...) Os nossos pensadores acreditavam que o destino nos fora propício na formação do tipo brasileiro representativo da fusão de três elementos apreciáveis, herdando de cada um a sua melhor qualidade: a do índio a sua força e bravura, do negro a afetuosidade e do português, a rigidez de caráter. (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de outubro de 1914).

Formula-se idealmente o alcance ao grau de civilização almejado sob métodos pacíficos. Fica clara a ideia de que as três raças convivendo harmoniosamente revela o desejo de que toda a população deveria trabalhar para atingir o *progresso*, também revelado no restante da reportagem ao tratar do uso de terras de ocupação tradicional indígenas as quais não estavam sendo aproveitadas para a comercialização da agropecuária.

Além de estar presente nas considerações sobre a proteção aos índios, o evolucionismo cultural também apareceu nos discursos baseados em elogios sobre a transformação do índio em civilizado. Em 1912, narrou-se um casamento entre dois Kaingang na região de São Jerônimo (que não pertencia à região do Contestado). O que foi defendido na matéria era que estes índios tinham provado que eram capazes de se civilizarem, contrariando a necessidade de se utilizar um método opressor “(...) pela ignorância daqueles que se diziam civilizados” (O DIÁRIO DA TARDE, 21 de setembro de 1912).

Voltando à questão das comparações entre os dois grupos sociais – *índios* e *caboclos* – é interessante visualizar descrições opostas a estas separações identitárias no jornal, ou seja, as generalizações no modo de descrição sobre os sujeitos. O próprio José Maria foi caracterizado como índio em um relato no início do Contestado, quando o comparou com o seu antecessor, João Maria, elogiando este último e dando atributos pejorativos ao primeiro, afirmando que o monge do Contestado não se tratava de

João Maria, “(...) e sim um homem de tipo indígena, bandido e autor de duas mortes no município de Palmas” (O DIÁRIO DA TARDE, 22 de outubro de 1912). Outro exemplo está na descrição de Bonifácio José dos Santos, considerado um jagunço que tinha influência entre os sertanejos: “(...) “Papudo” é um caboclo analfabeto, mal intencionado, um verdadeiro bugre, tipo de cabecinha propensa ao banditismo” (O DIÁRIO DA TARDE, 17 de setembro de 1914).

Generalizar grupos sociais com elementos culturais específicos de cada um, mas que são descritos com características fenotípicas sem distinções claras devem ser analisadas em consideração às ideias da época analisada (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). O evolucionismo cultural nas descrições do jornal ficou evidente e cumpriu o papel de inferiorizar os sujeitos a partir de associações com *tipo indígena*, *caboclo* e *verdadeiro bugre*⁶.

Mesmo com as considerações de que o governo estaria tratando os conflitos de maneira exagerada contra os revoltosos, é notável a culpabilidade direcionada ao monge José Maria enquanto principal responsável pela revolta sertaneja. Em defesa dos caboclos, mostrando-os como vítimas, houve justificativas de que foram influenciados por São João Maria em se tornarem *bandidos*, *jagunços*, entre outros termos. O início do Contestado é inclusive narrado pelo periódico como resultado das pregações do monge, como foi mostrado na notícia “Os sertões do sul: A gênese da atual situação da zona infestada pelos fanáticos” (O DIÁRIO DA TARDE, 15 de abril de 1914). Não entanto, tratou-se de diferenciar o João Maria enquanto um monge que beneficiava a população do campo com rezas e curas, enquanto que o José Maria do Contestado era seguido por ignorantes que deveriam ser detidos logo

no início.

O cuidado que o jornal teve em, ao mesmo tempo, criticar os massacres aos sertanejos e em elogiar o progresso e o desenvolvimento civilizatório direcionado à região sul pode ser visto através do enaltecimento da construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande. Em um artigo intitulado de “A *Brazil Railway Company* não é só um polvo que suga nossas energias, mas um fator do nosso progresso” (O DIÁRIO DA TARDE, 02 de fevereiro de 1916), no fim do Contestado, em 1916, o autor apresentou um discurso favorável ao monumento, assim como criticou os embates com os sertanejos revoltosos.

Em 1915, Sebastião Paraná, político e educador no Paraná na época, narrou sobre o Contestado no jornal. Visando mostrar a história do desenvolvimento da região e os embates entre o exército e os sertanejos, ele localizou os indígenas no início de sua prosa:

Sertão vetusto! Catedral majestosa, onde os caciques outrora entoavam hinos de vitória! Tumulto de tribos extintas! Palácio de elfos encantados! Plaga batida pelas cabiidas indômitas de Pai! Que (ilegível) Terra palmilhada pelos guerreiros autóctones da estirpe de Guaíra – filhos primogênitos da região inigualável, onde as montanhas se empinam altaneiras e os rios, em (ilegível), disparam pelas canhadas; confirmam catadupas tempestuosas e (ilegível) e tombam e rugem e estalam (ilegível) pororocas que atardem o oceano!

Contestado! Sertão imponente, (ilegível) sertão no Brasil quer dizer flora estupenda, grandiosidade dos troncos, vigor das essências que se enfileiram para formar matas interinas.

⁶ Oliveira aponta que a denominação *bugre* classifica os índios de modo pejorativa

(OLIVEIRA, 1976). Thomé mostra que a palavra se origina do francês *bougre*, significando “qualquer índio” (THOMÉ, 2010, p. 42).

Sertão! A “umbela” de tuas selvas se estende, como um palio, sobre o húmus onde as armas do conquistador ibérico inhumou o aborígene impávido e cioso de sua liberdade. (O DIÁRIO DA TARDE, 08 de março de 1915).

Os indígenas foram mostrados como vítimas do desenvolvimento colonial. O Contestado, assim, é visto como um local que pertencia aos sertanejos (caboclos), não sendo mais dos índios que foram extintos antes das batalhas.

Considerações finais

Narrar os fatos em um período de guerra é se posicionar diante das consequências. O *Diário da Tarde* locomoveu seu discurso de acordo com seus princípios positivistas e republicanos e com o avanço dos massacres sertanejos. A imagem do índio foi seu argumento comparativo.

Os discursos do *Diário da Tarde* foram tanto de modo generalizador quanto de distinção entre os sertanejos e os índios. A respeito de alguns revoltosos, foram usados traços fenotípicos e culturais tanto de índios quanto de caboclos, sem diferenciar uma categoria da outra. Também estiveram presentes opiniões pautadas em características pejorativas aos dois grupos. Porém, ao falar a respeito do que os distinguiam, apareceram palavras como *incompetência selvagem* que levam a algumas repostas: os indígenas foram descritos de modo inferior na escala evolutiva comparando-se aos sertanejos em termos raciais, e suas relações com práticas laborais foram consideradas menos desenvolvidas do que as dos *trabalhadores nacionais*. Colocou como solução a *harmonia entre as raças*, refletindo todo um discurso reproduzido em várias reportagens, às vezes explicitamente e às vezes de maneira velada. Estes anseios reproduzidos no jornal encontravam como solução a *pacificação* e os elogios ao SPILT.N.

Há que se considerar que as matérias abordadas no jornal não são suficientes para a construção da história dos indígenas da região, mesmo que façam parte de um discurso que já constrói uma parte da história. Considera-se a importância de se buscar o lado do indígena no contexto abordado. Para isso, necessita-se, por exemplo, fazer resgates através da história oral de moradores da região.

Referências

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS.

Cadeira 8 – Rafael Valdomiro Greca de Macedo. Disponível em:

<http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-8/>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BUBA, Nathan M.; NÖTZOLD, Ana Lúcia V. Os “joaninos” entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó. **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH – SC: História e Movimentos Sociais.** Chapecó: ANPUH, 07 a 10 jun. 2016.

CARVALHO, Tarcísio M. de. O ruralismo em Santa Catarina e a Guerra do Contestado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH)**, São Paulo, jul. 2011.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo cultural:** textos de Morgan, Tylor e Frazer. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2009.

MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado:** a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MONTEIRO, Duglas T. **Os errantes do novo século:** um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MOURA, Aureliano P. de. **Contestado:** a guerra cabocla. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.

O DIÁRIO DA TARDE. Periódicos de 1912 a 1916. Disponível na Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** Editora da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1996.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Dominus Editora, 1965.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade:** seguido de

grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SERPA, Élio C. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

SIMONETTI, Rafael P. **De selvagens bugres a caboclos fanáticos**: as representações no Diário da Tarde durante o Contestado (1912-1916). Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. 132 f. Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2017.

SCHWARCZ, Lília M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

THOMÉ, Nilson. **Civilizações primitivas do Contestado**. Caçador: Universal, 1981.

_____. **Os índios no espaço livre do Contestado**. Caçador: Clube de Autores, 2010.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social - a guerra sertaneja do Contestado**: 1912-1916. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

VOLTOLINI, Anderson Francisco F. A questão de limites de terras entre Santa Catarina e Paraná: uma análise das mensagens de governadores de 1900 a 1916. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2009.

WIJK, Flávio B. O Contestado e seu impacto sobre modos e regimes de relação Homem-Natureza entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó – SC. In: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Marcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). **Nem Fanáticos, nem Jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912 - 2012). 1. ed. Pelotas - RS: Editora da UFPEL, 2012.